

iconografia

Nimuendajú e os índios do sul do Brasil

Nimuendajú and the indians of the Southern Brazil

Elena Welper*
Pablo Barbosa**

As imagens a seguir ilustram o material publicado nas demais seções deste número da Tellus. Elas foram garimpadas em arquivos públicos e particulares como fonte documental para os artigos que compõem esse dossiê, que marca os cem anos da publicação d' *As Lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. São fotografias do período imediatamente anterior e da época em que Nimuendajú desenvolveu seu trabalho com os índios do sul do Brasil.



Foto 1 - "O jovem Curt Unkel (1902) orgulhoso líder de um "bando de índio" se exercita na arte de atirar numa floresta de Jena com uma Mauser 88", autor desconhecido (Original no Arquivo Público de Jena, Alemanha).

* Pós-doutoranda em antropologia social pelo PPGAS Museu Nacional/UFRJ. E-mail: elenawelper@yahoo.com.br

** Doutorando em antropologia social pela École de Hautes Etudes en Sciences Sociales (IRIS-EHESS) e pelo Museu Nacional (PPGAS/MN-UFRJ). E-mail: pablo.antunha.barbosa@gmail.com

A foto ilustra o jovem Nimuendajú em Jena, sua cidade natal, em uma de suas atividades recreativas preferidas: excursões e acampamentos pelas florestas de Coppanz. Em 1934, mais de trinta anos depois de chegar ao Brasil, Nimuendajú iria retornar pela primeira e única vez à Europa e lembraria desse tempo em carta para Carlos Estevão.

[...] De 17 a 22 de abril estive em Jena com a minha irmã, revivendo com ela os tempos da nossa infância e revendo as matas e montanhas onde eu brincava quando era menino. Percorri-as agora sozinho, saudando as árvores e pássaros e todos os animais da mata, meus antigos conhecidos. Entrei, como há 31 anos atrás, na taberna da pequena aldeia de Coppanz, nas montanhas a oeste da cidade, reconheci ainda os bancos e as mesas daquele tempo e me sentei no meu lugar velho, mas gente estranha veio me servir e, perguntando, soube que da família do antigo dono ninguém mais existia. E assim por diante [...] (Trecho de carta de Curt Nimuendajú a Carlos Estevão de Oliveira, Dresden, 26/04/1934, em Nimuendajú, 2000, p. 203).

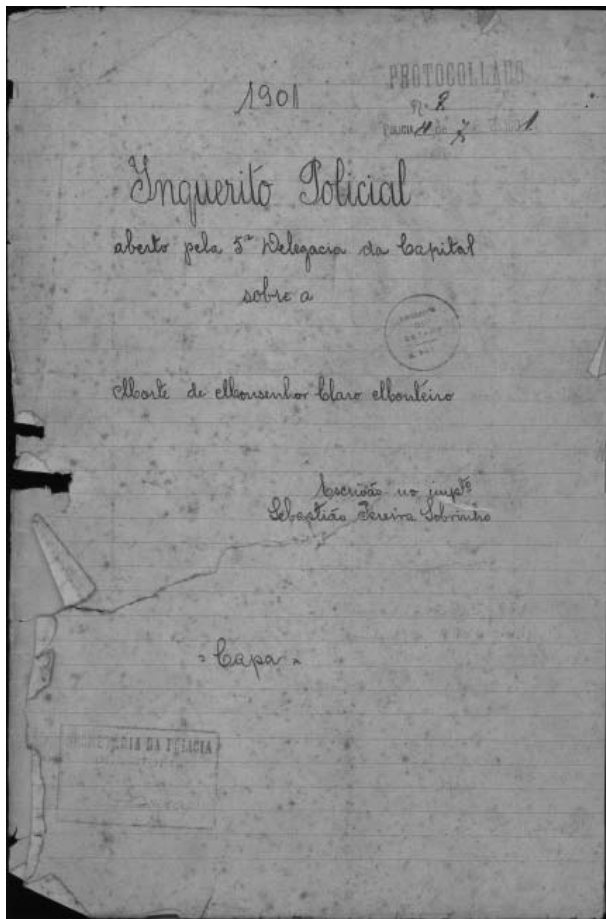


Foto 2 - "1901, Inquérito Policial aberto pela 5ª Delegacia da Capital sobre a Morte de Monsenhor Claro Monteiro" (Original no Arquivo Público do Estado de São Paulo)

Capa do inquérito policial aberto para investigar as causas da morte do Padre Claro Monteiro do Amaral e dos índios guarani José Honório Araguyra e Avajogueraa no ano de 1901. Vale a pena mencionar que o índio José Honório Araguyra, morto durante a expedição ao rio Feio, era pai de José Francisco Honório Avacaju, pai adotivo de Nimuendajú e seu principal informante durante suas pesquisas entre os Guarani do oeste paulista. Em 1950, um pequeno opúsculo escrito por Fausto Ribeiro de Barros foi publicado em São Paulo a partir de pesquisa nos autos do inquérito judicial depositado no Arquivo Público do Estado de São Paulo (Ribeiro de Barros, 1950).



Foto 3 - Fotografia de Curt Nimuendajú enviada ao seu amigo E. Reinhardt, o "Max", (Original no Arquivo Público de Jena, Alemanha).

Não há informações sobre o autor e contexto dessa Foto. No entanto, considerando as informações contidas na carta enviada por Curt Nimuendajú ao seu amigo “Max” no dia 10 de janeiro de 1904, calculamos que ela tenha sido feita por ocasião da mencionada expedição organizada pelo engenheiro Lacerda ao rio Feio, no sertão de São Paulo. Não temos mais informações a respeito dessa expedição além do breve trecho da carta transcrito por Fritz Cappeller (1963). Nessa carta, Nimuendajú solicitava ao seu amigo “Max” que não lhe escrevesse mais, pois partiria com a “expedição do engenheiro Dr. Lacerda que pretende pesquisar o rio Feio e soltar um missionário capturado pelos índios Coroados. Ele necessita de um número de sujeitos bem armados e, como sendo um tal, participo” (Carta de Nimuendajú, citada em Cappeller, 1963, p. 17).

Apesar da informação dada por Nimuendajú ao seu amigo, não constam informações de nenhuma expedição realizada por nenhum Engenheiro Lacerda, nem tampouco de expedições realizadas pela Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (CGGSP) no ano de 1904. Em relação ao mencionado missionário capturado, Nimuendajú faz referência, provavelmente, ao Padre Claro Monteiro do Amaral assassinado no ano de 1901 pelos índios Coroados (Kaingang) do rio Feio.

Nessa foto posada, Nimuendajú ostenta espingarda e cartucheira, evidenciando a natureza militar que esteve por trás de toda a colonização do sertão paulista e da pacificação dos chamados índios Coroados no início do século XX. Se vista junto com a primeira foto tirada em Jena, ela revela a inspiração *western* de Nimuendajú, visto que nas duas fotos ele exibe pose e traje bastante semelhantes aos de Karl May encarnado no seu personagem mais famoso chamado *Old Shatterhand*.



Foto 4 - "Salva no dia 12 de Outubro", Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, expedição ao Rio Paraná, ano de 1905 (Original no Arquivo Histórico do Instituto Geológico do Estado de São Paulo).

Fotografia ainda inédita da exploração do rio Paraná realizada pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo (CCGSP) entre 14/08/1905 a 28/08/1905 e entre 09/09/1905 a 11/10/1905. Foram chefes dessa expedição, Cornélio Schmidt e Jorge Black Scorrar. Embora Nimuendajú não tenha participado dessa expedição, tendo feito parte daquela que explorou o rio Feio e Aguapeí no mesmo ano, é interessante notar o caráter militar exibido nesta foto pelos "operários", "sertanejos" ou "camaradas" que se põem a atirar ao alto. Em 1909, Vicente Melillo, membro do *Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas* denunciou a atuação da CCGSP para com os índios do Estado de São Paulo. Segundo José Mauro Gagliardi, Melillo teria citado trechos dos relatórios da CCGSP que registravam as "dadas" efetuadas pelos sertanejos no intuito de "chacinar os índios" com "requintes de crueldade" (Gagliardi, 1989, p. 119).

De fato, encontramos no relatório redigido por Júlio Bierrenbach de Lima Júnior (1905, p.11-12) sobre a expedição do rio Feio, a seguinte referência a

um ataque perpetrado pelos sertanejos da expedição após encontro com os Coroados (Kaingang):

[...] A 27 [de novembro de 1905] viajamos desde as 7 horas sem maior novidade, quando às 9 horas e 40, por um dos práticos fomos avisados da proximidade dos índios; e, de fato, encontramos pouco adiante, em uma curva do rio, um numeroso grupo de índios, o qual foi por nós desbaratado, tendo eles na fuga deixado 34 flechas, 2 arcos, 1 vara de pescar e outros pequenos objetos. É possível que tenha havido perdas da parte deles, atenta a grande quantidade de sangue que encontramos no local [...]

Nimuendajú, por sua vez, não faz menção explícita a sua atuação e participação como “operário” dessa expedição da CCGSP, mas foi certamente com base nessa sua experiência que, no seu primeiro artigo de que temos conhecimento, publicado no jornal *Deutsche Zeitung* em 1908, ele formulou seu comentário sobre as propostas exterminadoras de Hermann von Ihering, Walter Fischer e do Governo do Estado de São Paulo.

Essa guerra, no entanto, se não quiserem pôr o sucesso em risco, não poderá ser feita com soldados e não haveria alternativa para o governo, se este estiver realmente interessado apenas na rápida aniquilação da tribo dos Coroados, do que aquela da Comissão Geográfica e Geológica no rio Feio, de empregar sertanejos experientes na luta contra os índios das referidas regiões, armá-los bem e depois soltá-los sob a liderança eleita por eles, entre os Coroados selvagens (Nimuendajú, 2013a [1908], neste número).



Foto 5 - “Picadão no Kilometro 100”, Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, expedição ao Rio Feio e Aguapeí, ano 1905 (Original no Arquivo Histórico do Instituto Geológico do Estado de São Paulo).

Essa fotografia foi originalmente publicada no relatório da exploração do rio Feio e Aguapeí da CGGSP (1905) com a legenda “Acampamento Jacaré”. No entanto, a partir dos relatórios redigidos pelos chefes de turma desta expedição, Olavo Hummel e Gentil de Moura, é possível saber que o “Acampamento do Jacaré” se localizava no Km 40 do “picadão” e não no Km 100, como indicado aqui. De fato, a expedição da CGGSP teve fim no Km 100 do “picadão” quando ela começou a retroceder em direção de Bauru. De acordo com as informações da documentação burocrática dessa expedição da CGGSP, depositadas no arquivo histórico do Instituto Geológico do Estado de São Paulo (folhas de pagamento e recibos), consta que Nimuendajú trabalhou na abertura desse “picadão” entre o mês de agosto e final do mês de outubro de 1905. Na imagem seguinte (Foto 6) vemos a turma que seguiu rio Feio abaixo a partir de novembro de 1905 desde o “Acampamento Jacaré”. Nessa ocasião, consta que Nimuendajú já teria se desligado dos trabalhos da

CGGSP, optando provavelmente por permanecer entre a família do capitão guarani José Francisco Honório Avacaujú (Joguyroquý) que também participou da exploração ao rio Feio, conforme as informações também constantes das folhas de pagamento da mesma expedição.



Pessoal que desceu o rio Feio, até ao Paraná, depois de ter concluído o trabalho de levantamento do referido rio.

Foto 6 - "Pessoal que desceu o rio Feio, até o Paraná, depois de ter concluído o trabalho de levantamento do referido rio". Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, expedição ao Rio Feio e Aguapeí, ano 1905 (Original no Arquivo Histórico do Instituto Geológico do Estado de São Paulo).



Essa fotografia também foi publicada no relatório da exploração do rio Feio e Aguapeí da CCGSP (1905). Essa expedição iniciou-se sendo chefiada por Olavo Hummel. No entanto, após ter sido ferido num encontro com índios Kaingang, em julho de 1905, Hummel foi substituído por Gentil de Moura. Ao lado, no detalhe da foto, vemos um indígena que, pelas descrições feitas no relatório da CCGSP sobre a exploração do rio Feio, deduzimos ser Antonio Roque Tangarajú. Segundo a genealogia anexa aos “Apontamentos sobre os Guarani” de autoria de Nimuendajú (1954 [1908], também *neste número*), Tangarajú seria original das aldeias Guarani do litoral paulista e cunhado de José Francisco Honório Avacaujú. Ambos fizeram parte da expedição ao rio Feio, sendo que o primeiro, segundo as informações do próprio relatório publicado pela CCGSP, participou da turma que desceu o rio Feio até o rio Paraná sob a chefia de Júlio Bierrembach. Abaixo transcrevemos trecho que se refere à participação de Antônio Roque na referida expedição.

Continuando às 2 e 20 acampamos à margem direita, num lugar que, segundo indicação do Guarany Antonio Roque, era o ponto onde fora trucidado Monsenhor Claro. Esta indicação tem grande viso de verdade, visto ter sido Antonio Roque um dos companheiros do malgrado sacerdote, e haverem sido encontrados aí diversos objetos, que por ele foram reconhecidos. Encontramos também um osso, o qual talvez seja de Monsenhor Claro. No dia 28 passamos pelo ponto que foi o termo da excursão de Monsenhor Claro, e onde, segundo informações do mesmo Antonio Roque, foi pelo próprio padre colocado um marco com inscrições, o qual não foi encontrado, apesar das nossas pesquisas. Até esse ponto chegou Claro Homem de Mello (Bierrenbach Lima Júnior, 1905, p. 12).

Nimuendajú também traz informações a respeito da participação de Antonio Roque Tangarajú na realização de expedições punitivas contra os índios Coroados (Kaingang).

Daí a pouco tempo, os sertanistas que acompanhavam o engenheiro Sílvio S. Martim em sua viagem fluvial exterminaram até o último homem outro grande acampamento dos Coroados pouco acima do lugar agora chamado Quinze de Novembro. Dessa como de três outras excursões que se seguiram aos assaltos do Dourado, do Sucuri e do Congonhas, participaram os Guarani, tendo-se destacado principalmente o Guarani Tangarajú (Antônio Roque dos Santos), natural das proximidades de Conceição de Itanhaém” (Nimuendajú, 2013b [1908], *neste número*).



Foto 7 - "Índios Guaranyys do ex-aldeamento de Guaranyúva", Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, expedição ao Rio Feio e Aguapeí ano 1905 (Original no Arquivo Histórico do Instituto Geológico do Estado de São Paulo).

Esta fotografia foi publicada no relatório da exploração do rio Feio e Aguapeí da CGGSP (1905). A cópia bastante danificada reproduzida ao lado está preservada num caderno de recortes de jornais feito pelo próprio Nimuendajú (Arquivo Curt Nimuendajú - CELIN/MN-RJ). Nesse documento, a foto foi colada abaixo do artigo *Nimongaraí* publicado no jornal *Deutsche Zeitung* (Nimongaraí 2001 [1910], neste número), como que para ilustrar os personagens principais do evento: seus pais (Avacaujú e Nimoá) e irmão (Guyrapejú) adotivos. Na foto, Nimuendajú acrescentou a legenda que indica o nome dos indivíduos retratados. Da esquerda para direita, partindo da fileira de cima estão os respectivos membros da família de José Francisco Honório Avacaujú. “Eijú, Ígaroa, Poyjú, Avacaujú, Guyrapejú, Tacuapanã, ?, Pe-peoyjú, Pecu, Nimoa”. As demais pessoas não puderam ainda ser devidamente relacionadas a esse núcleo familiar.



Foto 8 - “Grupo de Ofaié em Porto Tibiriçá 1909”, clichê de Curt Nimuendajú (Original no Acervo Fotográfico, Arquivo Curt Nimuendajú, Centro de Documentação de Línguas de Indígenas, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ref: Ftsop 1g)



Foto 9 - "Grupo de Ofaié em Porto Tibiriçá 1909", cliché de Curt Nimuendajú (Original no Acervo Fotográfico, Arquivo Curt Nimuendajú, Centro de Documentação de Línguas de Indígenas, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ref: Ftsop 1g)



Foto 10 - "Ofaié-Chavante Juana", cliché de Curt Nimuendajú, s/d (Original no Museu Nacional, Arquivo Curt Nimuendajú, Centro de Documentação de Línguas de Indígenas, Acervo Fotográfico, Ref: Ftsop 3g).

As Fotos 8, 9 e 10 ilustram o cenário etnográfico encontrado por Curt Nimuendajú em sua primeira expedição aos Oti Chavantes em 1909 (Cópias dessas mesmas fotos também existem na Coleção Carlos Estevão do Museu do Estado de Pernambuco: Fot. 131; 133 e 134). Sobre o trajeto dessa viagem e o contexto de produção dessas fotografias, Hermann von Ihering, então diretor do Museu Paulista, nos conta no volume oito da *Revista do Museu Paulista*, publicada no ano de 1911, que no ano de 1909:

[...] o Sr. Curt Unckel, que já por diversas vezes convivera com os índios de nosso sertão e ao qual foram dadas no Museu as instruções para fazer observações etnográficas, tirar fotografias, etc., seguiu a 4 de agosto para S. Cruz e daí para S. José dos Campos Novos onde deveria procurar os índios Chavantes, de cujo estudo etnográfico fora encarregado. Em Platina e Matão, Lageado e Bebedouro, tomou apontamentos dos índios Coroados mansos, demorando-se aí até dia 6 de setembro. Daí seguiu para Roseta, Conceição de Monte Alegre, S. Mateus, Rancharia, Laranja Doce em direção a Medeiros: sabendo porém que obteria melhor resultado em Porto Tibiriçá, para lá se dirigiu, chegando a 15 de setembro. Procurando índios, foi à foz do rio S. Anastácio e Jaboticaba, onde examinou os Chavantes de Mato Grosso, subiu o rio Pardo, oito léguas para adiante, encontrando índios Guatos, Guaranis e Terenos (Ihering, 1911, p. 14).



Foto 11 - "Grupo de Índios Guaranís - Família do Cap. José", cliché de Curt Nimuendajú, s/d (Museu do Índio, Acervo Fotográfico SPI, Ref: SPIIR5, Fot. 070-571).

Esta fotografia da família de José Francisco Honório Avacaujú foi provavelmente tirada por Nimuendajú no contexto de sua atuação indigenista junto ao Serviço de Proteção aos Índios (1910 - 1913) no Posto Indígena de Araribá no Estado de São Paulo. Vale destacar que essa mesma foto foi reproduzida n' *As lendas...* com a seguinte legenda: "Joguyroquý, o pajé-cacique dos Apapocúva, sua mulher Nimoá, seus filhos Guyrapéju e o reencarnado Avajoguyroá e sua nora Mangavyjú" (Nimuendajú, 1987 [1914], ilustração 11).



Foto 12 - "Crianças e crianças", autor e data desconhecidos (Original no Acervo Fotográfico, Arquivo Curt Nimuendajú, Centro de Documentação de Línguas Indígenas, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ref: G2-0004).



Foto 13 - “Homens e crianças”, autor e data desconhecidos (Original no Acervo Fotográfico, Arquivo Curt Nimuendajú, Centro de Documentação de Línguas Indígenas, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ref: G1-0004).

Essas duas fotografias são as únicas atreladas ao povo Guarani que constam do vasto Acervo Fotográfico do Arquivo Nimuendajú - CELIN/MN-RJ. No entanto, devido à imprecisão das legendas, não nos parece possível afirmar que elas tenham sido tomadas por Nimuendajú no Posto Indígena de Araribá entre 1910 e 1913. Afinal ao longo de sua correspondência encontramos evidências da troca de informações e de envio de fotografias. Numa carta escrita ao Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios de São Paulo, Luiz Bueno Horta Barbosa em 23/07/1920, por exemplo, Nimuendajú agradece a Horta Barbosa o envio de “carta de 6 de julho com as fotografias e notícias tão boas sobre a evolução dos índios em São Paulo”, sugerindo que talvez se tratem de fotos oficiais do SPI, e não do próprio Nimuendajú (1993, p. 141).



Foto 14 - "L.B. Horta Barbosa, o Inspetor de Índios de São Paulo, funcionários e índios (Apapocúva e Oguauíva) da reserva Araribá. Entre eles o Kayguá Uembé", clichê Curt Nimuendajú, s/d. (Original no Museu do Índio, Acervo Fotográfico SPI, Ref: AR103).

Luiz Bueno Horta Barbosa nasceu em 1871, na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, e morreu no ano de 1933, no Rio de Janeiro. Em 1901, mudou-se para Campinas depois de ter sido nomeado professor na Escola Politécnica. Segundo Gagliardi (1989), deixou de lecionar para dedicar-se ao Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Antes da criação do órgão indigenista em 1910, Horta Barbosa já circulava nos círculos indigenistas do Estado de São Paulo. Como membro do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, denunciou ativamente a atuação do governo paulista contra os índios do interior do Estado, criando no ano de 1909 a Comissão Protetora da Defesa e Civilização dos Índios. Em 1910, ingressou no SPI, sendo que, entre 1911 e 1917, exerceu o cargo de inspetor regional e, em 1918, tornou-se diretor da instituição. Como inspetor do SPI do Estado de São Paulo, vale ressaltar a atuação de Horta Barbosa na "pacificação" dos Kaingang do rio Feio e sua tentativa de transferir toda população Guarani do Estado para a Povoação Indígena do Araribá. Para isso uma relação de colaboração, respeito e confiança entre Horta Barbosa e Nimuendajú foi fundamental. Segundo Nimuendajú,

[E]m 1910, finalmente, consegui com muito esforço chamar a atenção do Serviço de Proteção aos Índios, ao qual eu mesmo já pertencia, para meus irmãos de tribo, abandonados e caluniados por todo o mundo. Graças à simpatia humanitária e à compreensão das necessidades dos índios – infelizmente raríssima na instância competente – que encontrei no Inspetor dos Índios de São Paulo, Senhor Horta Barbosa, o Araribá foi convertido em asilo para os numerosos remanescentes dispersos da tribo Guarani, formando hoje seu centro principal. A maioria dos índios desta tribo que habitava em São Paulo, bem como um grande número deles do Mato Grosso e Paraná, aceitaram minhas propostas de mudança para esta reserva nos anos 1912 e 1913 (op.cit., 1987 [1914], p. 13-14).

Em relação ao “Kayguá Uembé” referido na legenda da foto, Nimuendajú faz diversas menções a ele na sua monografia.

No bando de Joguyroquy vivia um Kayguá chamado Uembé, que tinha uma filha adotiva, a qual casou com o sobrinho de Joguyroquy. Ele morreu pouco tempo depois do casamento. Uembé casou então a moça com um outro jovem da horda; este, no entanto, não a tratava como o sogro desejaria, razão pela qual um dia tiveram um pequeno desentendimento. Não demorou muito e também este segundo genro morreu em questão de dias. Agora parecia certo que o Kayguá era moãjary [feiticeiro], e que houvera morto dos dois maridos de sua filha adotiva. Ele foi caçado como um animal selvagem, mas conseguiu fugir para o sertão de São Pedro Turvo (op.cit., 1987 [1914], p. 93).



Foto 15 - "Curt Nimuendajú com índios na mata do Posto Araribá", autor e data desconhecidos (Original no Museu do Índio, Acervo Fotográfico SPI, Ref: AR095).

Essa fotografia inédita consta do Acervo Fotográfico do SPI, Museu do Índio, Rio de Janeiro. Pela distância com que essa fotografia foi tirada, não é possível afirmar com certeza se é Nimuendajú quem está retratado ao lado de um jovem indígena no Posto Indígena do Araribá. No entanto, se compararmos essa fotografia com outras que constam do mesmo acervo (Ref: AR094 e AR096) e com outra que foi publicada como anexo d' *As lendas...* ("Minha velha cabana na colônia Araribá, São Paulo" Fig. 5, p. 133), é possível imaginar que ela faz parte da mesma série, podendo representar, nesse sentido, Nimuendajú ao lado de um jovem guarani. Contudo não podemos identificar até o momento quem é o jovem indígena.

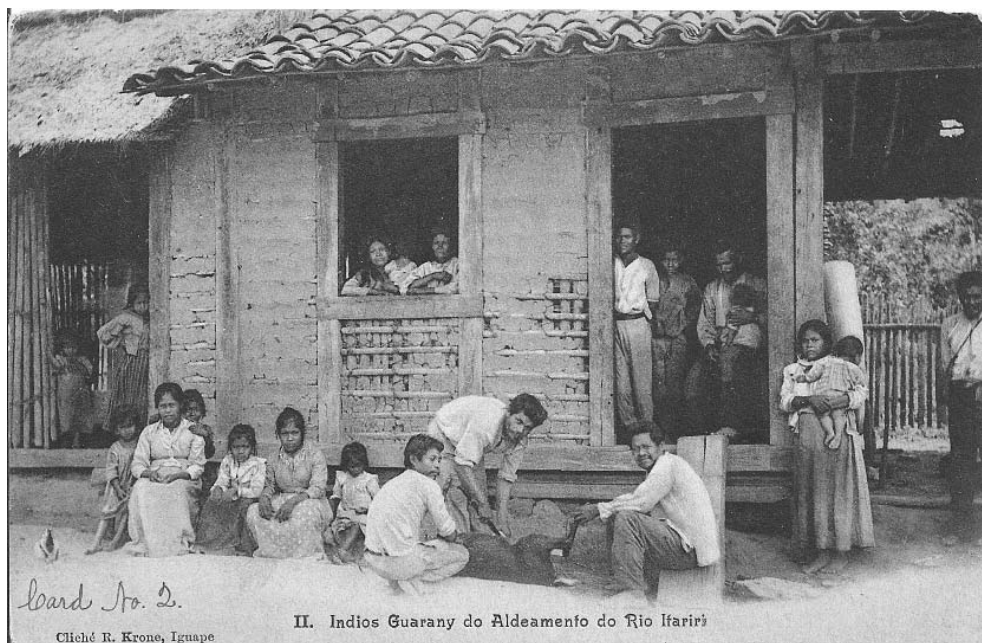


Foto 16 - "Índios Guarany do Aldeamento do Rio Itariri", cliché de Ricardo Krone, início do século XX (Original no Acervo particular de João Emílio Gerodetti).

Essa foto foi tirada por Ricardo Krone (1861-1917) provavelmente no início do século XX. Krone nasceu em 1861, na cidade de Dresden, na Alemanha, onde fez estudos humanísticos. Chegou ao Brasil no ano de 1884 e se estabeleceu na cidade de Iguape, no litoral sul de São Paulo. Realizou importantes estudos arqueológicos e etnográficos na região. No necrológico feito a Ricardo Krone, Taunay transcreve trecho escrito por Edmundo Krug em 1908, no qual ele diz: "Há, mais ou menos, um ano, o Sr. Krone empreendeu, a pedido do sr. von Ihering, uma viagem a Serra dos Itatins, para colher dados antropométricos dos índios aí residentes. A julgar pelas fotografias,

com as quais ele teve a gentileza de me contemplar, não é dado duvidar do bom êxito do empreendimento” (Taunay, 1918, p. 934).

O aldeamento do Itariri, retratado nessa foto, foi criado por volta da década de 1840, no vale do Ribeira, litoral sul do Estado de São Paulo. Por volta da década de 1910, os guarani do Itariri estavam vivendo inúmeros conflitos relacionados à invasão de suas áreas. Menções a tais conflitos estão registradas em diversos lugares, no entanto vale a pena fazer menção a duas cartas, contemporâneas a essa foto, escritas pelos próprios guarani do local ao historiador e pintor Benedito Calixto (Barbosa et al, 2013). Consta que Nimuendajú em vão tentou transferir os Guarani do Itariri para a Povoação Indígena do Araribá.

Em 1877 os Tañyguá ainda somavam cento e cinquenta, em 1885 somente cinquenta e sete cabeças. Brancos e mestiços se apossaram da terra e hoje somente dezesseis índios, nove dos quais Tañyguá de sangue puro, ainda se encontram no Itariry. Eles se recusaram duas vezes a aceitar as propostas de mudança para a reserva dos Guarani no Arariba, que o governo lhes fez em 1912 e 1913 por meu intermédio” (Nimuendajú, 1987 [1914], p. 10).



Foto 17 - “Índio Guarany”, cliché de Ricardo Krone, início do século XX (Original no Acervo particular de João Emílio Gerodetti).

Provavelmente essa fotografia tirada por Ricardo Krone (1861-1917) no início do século XX retrata o mesmo Inacinho, capitão do antigo aldeamento do Itariri, mencionado no depoimento de Antonio Branco (*neste número*). Num texto publicado em 1906, na cidade de Viena, Ricardo Krone se refere ao Capitão Inácio como um dos seus informantes Guarani do aldeamento do Itariri, mencionando que ele e o índio Luiz ainda se lembravam de costumes dos antepassados, que testemunharam quando crianças, e que lhe deram a esse respeito às seguintes informações:

Ao amanhecer, o cacique da aldeia aparecia ornado de seu enfeite de penas e municiado de um instrumento sonoro chamado baracá para concretizar com passos de danças uma cerimônia durante a qual ele saudava o sol nascente, uma vez espantadas as sombras da noite, o diabo. É por isso que o chefe desta cerimônia é chamado anãgerú. Homens e mulheres o acompanhavam na dança, depois, ao seu cabo, se juntavam a ele no trabalho.

“O primeiro santo dos Guaranis”, disseram-me, “é o sol, avoõnhandoroúm, sem esquecer, no entanto, acima dele, Deus que lhes envia o sol; este é chamado no seu dialeto de niñandejary” (Krone, 1906, p. 143).

O Capitão Antonio Branco, em seu relato, menciona infelizmente um triste fim ao Capitão Inacinho que, segundo ele, fora assassinado quando tentava solucionar os conflitos de terra no antigo aldeamento do Itariri, então localizado na atual cidade de Pedro de Toledo.

E nesse tempo, que nem Pedro Toledo, foi primeira aldeia dos índios, em 1910 para 1911. O tempo do Imperador. Até que um italiano, o tal de Vasconcelos, pegou dizendo que os índios não tinham terra naquele lugar. Até que o capitão, chamado Inacinho, foi reclamar ao Imperador no Rio de Janeiro. O Imperador ia mandar desfecho para os posseiros abandonar, deixar para os índios a área de terra dos índios. Foi chamado aí dentro de Santos. Ele foi descansar numa pensão. O Vasconcelos mandou o garoto lá, com uma garrafa de cerveja envenenada. E ele como é muito amigo, aquele garoto, dele, pegou a cerveja e tomou. Tomou a cerveja e quando foi de manhã cedo, foram fazer procuração, que ele não acordou, nem nada, coisa nenhuma, ele já estava morto. Aí o Imperador mandou a força da marinha para fazer o despejo que naquele tempo, a linha de ferro não existia, tinha que ir por Iguape. Disseram que o capitão do filho chamado Inacinho que estava esperando a força [da marinha] morreu, aí a força voltou pra trás, aí Vasconcelos tomou a terra dos índios (Depoimento do Capitão Antonio Branco, seção “escritos indígenas”, *neste número*).

Referências

- BARBOSA, Pablo; PIERRI, Daniel; BARBOSA, Marco Antonio. Cartas Guarani. Corpus. O uso presente de papeis do passado. *Archivos virtuales de la alteridad americana*, Mendoza, v. 3, n. 1, p. 1-5, 2013.
- BIERRENBACH LIMA JUNIOR, Julio. Relatório apresentado pelo Snr. Julio Bierrenbach Lima Junior. *Exploração dos rios Feio e Aguapehy (extremo sertão do estado)*. São Paulo: Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, 1905.
- CAPPELLER, Fritz. *Der größte Indianerforscher aller Zeiten*. Jena: [s.n.], 1963.
- GAGLIARDI, José Mauro. *O Indígena e a República*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1989.
- IHERING, Hermann Von; IHERING, Rodolpho von. O Museu Paulista nos anos de 1906 a 1909. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, v. 8, p. 14, 1911.
- KRONE, Ricardo. Die Guarany-Indianer des Aldeamento do Rio Itariri im Stante von São Paulo in Brasilien. *Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien*, n. 36, p. 130-146, 1906.
- NIMUENDAJÚ, Curt. *Cartas do Sertão de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia-Assírio & Alvim, 2000.
- _____. *Etnografia e Indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- _____. *Lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1987 [1914].
- _____. Nimongaraí. *Tellus*, n. 24, p. 283-289, jan./jun. 2013 [1910].
- _____. Mais uma a questão indígena. *Tellus*, n. 24, p. 269-274, jan./jun. 2013 [1908].
- _____. Apontamentos sobre os Guarani. *Tellus*, n. 24, p. 311-360, jan./jun. 2013 [1908].
- RIBEIRO DE BARROS, Fausto. *Padre Claro Monteiro do Amaral: trucidado pelos índios "caingangs", nos sertões do rio Fêio*. São Paulo: José Magalhaes Ltda., 1950.
- TAUNAY, Affonso d'Escagnolle. Necrologia de Ricardo Krone (1861-1917). *Revista do Museu Paulista*, v. 10, p. 934, 1918.

Recebido em 276 de fevereiro de 2013

Aprovado para publicação em 6 de abril de 2013

